

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



**Filosofia
Política,
Educação,
Direito e
Sociedade 5**

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e
Sociedade 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 5 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-098-8

DOI 10.22533/at.ed.988190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro *Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade*.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PADRE RAPHAEL MARIA GALANTI: ABORDAGEM CÍVICA E JESUÍTICA DA HISTÓRIA DO BRASIL PARA CRIANÇAS	
Ligia Bahia de Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.9881904021	
CAPÍTULO 2	14
GENEALOGIA DO <i>ETHOSEM</i> SARTRE: IMPLICAÇÕES DO ATUALISMO ONTO-FENOMENOLÓGICO NA LITERATURA E DRAMATURGIA	
Ricardo Fabricio Feltrin	
DOI 10.22533/at.ed.9881904022	
CAPÍTULO 3	28
PARA QUE FILOSOFIA? A FINALIDADE DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	
Ítalo Leandro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9881904023	
CAPÍTULO 4	38
AMBIENTE FAMILIAR LETRADO: SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Leliane Aparecida Ribeiro	
Sandra Fiorelli de Almeida Penteado Simeão	
DOI 10.22533/at.ed.9881904024	
CAPÍTULO 5	43
ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOCENTES E DISCENTES EM UMA DISCIPLINA DO ENSINO SUPERIOR EM SAÚDE NO CONTEXTO DA USABILIDADE DAS FERRAMENTAS COLABORATIVAS DO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM MOODLE	
Sílvia Emanoella Silva Martins de Souza	
André Ribeiro da Silva	
Cássio Murilo Alves Costa	
Maria Auristela Menezes Costa	
Jitone Leônidas Soares	
Jônatas de França Barros	
Carissa Menezes Costa	
Críssia Maria Menezes Costa	
Fernando Antibas Atik	
DOI 10.22533/at.ed.9881904025	
CAPÍTULO 6	49
ANTROPOLOGIA LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DO OLHO E DO OLHAR EM “O CORAÇÃO DELATOR” DE EDGAR ALLAN POE	
Anelliz Galvão do Amaral Giovaneti	
DOI 10.22533/at.ed.9881904026	

CAPÍTULO 7	55
ANÁLISE SOB OS CRITÉRIOS DO MEC DE UM CURSO ABERTO MASSIVO	
Edilmar Marcelino Ana Beatriz Buoso Marcelino	
DOI 10.22533/at.ed.9881904027	
CAPÍTULO 8	66
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO FACEBOOK: COLABORAÇÃO, LETRAMENTO DIGITAL E AUTONOMIA	
Inês Cortes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9881904028	
CAPÍTULO 9	76
ANÁLISE DE DISCURSO DE UMA PROPAGANDA DO GOVERNO TEMER SOBRE O “NOVO ENSINO MÉDIO”	
José Ronaldo Ribeiro da Silva Juliane Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.9881904029	
CAPÍTULO 10	88
PARA UMA CRÍTICA DA MEDICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO	
Jucélia Maciel do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.98819040210	
CAPÍTULO 11	91
A TRAJETÓRIA DE ORGANIZAÇÃO DA CATEGORIA DOS TRABALHADORES PORTUÁRIOS AVULSOS (TPAS) DO PORTO DE PARANAGUÁ- PR E AS ATUAIS DEMANDAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL MARÍTIMA	
Luceli Gomes da Silva Mário Lopes Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.98819040211	
CAPÍTULO 12	104
AS LINGUAGENS UVIVERSAIS	
Manoel Lima Cruz Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.98819040212	
CAPÍTULO 13	117
BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: O BRINCAR COMO ESTRATÉGIA INTERDISCIPLINAR	
Flávia de Castro Caixeta Kamylla Guedes Sena Tiago Gonçalves Côrrea Fernanda Duarte Pinheiro Vanessa Arruda Pires Karina Pereira da Silva Juliana Martins de Souza Janaína Cassiano Silva	
DOI 10.22533/at.ed.98819040213	

CAPÍTULO 14 124

AS ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DAS ESCOLAS PÚBLICAS
MUNICIPAIS DO ARACATI/CE: DO IDEAL AO POSSÍVEL

Catarina Angélica Antunes da Silva
Gilson de Sousa Oliveira
Enéas de Araújo Arrais Neto
Tânia Serra Azul Machado Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.98819040214

CAPÍTULO 15 137

DIVERSIDADE SOCIAL: PAUTA DE DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS EM PROGRAMAS DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Gualber Pereira Silva de Oliveira
Arlene Maria Soares de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.98819040215

CAPÍTULO 16 150

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: LIMITES E CONTRADIÇÕES DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE NA
MODALIDADE

Paula Eliane Costa Rocha
Patrícia Moraes Veado
Andrea Cristina Versuti

DOI 10.22533/at.ed.98819040216

CAPÍTULO 17 162

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: O VÍDEO COMO ESTRATÉGIA NO ENSINO
FUNDAMENTAL

Argicely Leda de Azevedo
Gerilúcia Nascimento de Oliveira
Jorgete Comel Palmieri Mululo
Polyana Milena Barros Navegante
Carolina Brandão Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.98819040217

CAPÍTULO 18 170

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL DE CRIANÇAS: O SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL “A TRIBUNA”
DE SANTOS

Marina Tucunduva Bittencourt Porto Vieira
Bruno Bortoloto do Carmo

DOI 10.22533/at.ed.98819040218

CAPÍTULO 19 184

O PAPEL DA EDUCAÇÃO FRENTE À CIDADANIA TENDO AS MÍDIAS COMO FONTE DE
MANIPULAÇÃO E CONSUMISMO

Danielle Stewart Oliveira de Araujo
Ícaro Ribeiro Soares
Maria Clara Pinto Cruz

DOI 10.22533/at.ed.98819040219

CAPÍTULO 20	195
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA EM AULAS DE HISTÓRIA	
Daniel Luciano Gevehr Darlã de Alves Shirlei Alexandra Fetter	
DOI 10.22533/at.ed.98819040220	
CAPÍTULO 21	212
A MÁQUINA DISCIPLINADORA: CONTRIBUIÇÕES DE FOUCAULT PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
Ravelli Henrique de Souza Marta Regina Furlan de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.98819040221	
CAPÍTULO 22	222
FORMAÇÃO HUMANA E AFETIVIDADE: ELEMENTOS CRUCIAIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Farbênia Kátia Santos de Moura Daniela Fernandes Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.98819040222	
CAPÍTULO 23	233
O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA: DIALOGANDO COM ALEXANDER ROMANOVICH LURIA	
Lorita Helena Campanholo Bordignon Marilane Maria Wolff Paim	
DOI 10.22533/at.ed.98819040223	
CAPÍTULO 24	244
OS DESAFIOS DO EDUCANDO DO PROGRAMA TOPA NO CONJUNTO PENAL DE PAULO AFONSO	
Joilson Alcindo Dias Maria Aparecida da Silva Braz Vinícius Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.98819040224	
CAPÍTULO 25	254
TORNAMO-NOS ATRAVÉS DAS COISAS	
Luiz Antonio Pacheco Queiroz Willian Carboni Viana	
DOI 10.22533/at.ed.98819040225	
CAPÍTULO 26	261
A INCLUSÃO DO ENSINO DA HISTÓRIA REGIONAL NOS 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA DISCIPLINA HISTÓRIA, EM MATO GROSSO DO SUL	
Elizabeth de Fátima da Silva Mattas	
DOI 10.22533/at.ed.98819040226	
CAPÍTULO 27	274
REFORMA EDUCACIONAL FRANCISCO CAMPOS: INOVAÇÃO, CENTRALIZAÇÃO E AUTORITARISMO	
Edelcio José Stroparo	
DOI 10.22533/at.ed.98819040227	

CAPÍTULO 28 284

RELAÇÃO ENTRE ESTILOS DE APRENDIZAGEM E DESEMPENHO NA AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sonia Maria Duarte Grego
Flaviana Cristine Assumpção
Eliana Curvelo
Marisa Veiga Capela

DOI 10.22533/at.ed.98819040228

CAPÍTULO 29 295

RELAÇÃO INTERSEMIÓTICA DE TEXTOS MULTIMODAIS: UM ESTUDO IDEACIONAL CONFORME AS GRAMÁTICAS *SISTÊMICO-FUNCIONAL* E DO *DESIGN VISUAL*

Jeniffer Streb da Silva
Noara Bolzan Martins

DOI 10.22533/at.ed.98819040229

CAPÍTULO 30 301

A ESCRITA ESTUDANTIL EM PERIÓDICOS ESCOLARES NA ERA VARGAS

Eliezer Raimundo de Sousa Costa

DOI 10.22533/at.ed.98819040230

CAPÍTULO 31 316

O SOLDADO E A BAILARINA: PRÁTICAS PSICODRAMÁTICAS NO COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

Manon Toscano Lopes Silva Pinto

DOI 10.22533/at.ed.98819040231

CAPÍTULO 32 325

OS ESTÁGIOS SOCIOCULTURAIS DA UFRR E SUAS RELAÇÕES COM A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Samara Siqueira de Souza
Edison Riuitiro Oyama

DOI 10.22533/at.ed.98819040232

CAPÍTULO 33 336

TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE DIDÁTICA: UM ESTUDO A PARTIR DE TRÊS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO CENTRO-OESTE (2004-2010)

Adriana Rodrigues
Andréa Maturano Longarezi

DOI 10.22533/at.ed.98819040233

CAPÍTULO 34 348

A PROBLEMÁTICA DO LIXO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EJA DA ESCOLA RUI BARBOSA EM PINHAL GRANDE /RS

Ivani Belenice Dallanôra
Cibele Pase Liberalesso
Marilene Scapin
Thaís Vendruscolo
Zenita Maria Uliana Posser

DOI 10.22533/at.ed.98819040234

CAPÍTULO 35 357

O VALOR DA MARCA E A PERCEPÇÃO DO INTANGÍVEL: CAMPANHAS NATURA

Daiane do Rosário Martins da Silva

Mirian Sousa Moreira

Ana Clara Ramos

Carla Mendonça de Souza

Allana Dalila Costa Rodrigues Lacerda

Liliane Guimarães Rabelo

Rafael Silva Couto

DOI 10.22533/at.ed.98819040235

SOBRE A ORGANIZADORA..... 368

TORNAMO-NOS ATRAVÉS DAS COISAS

Luiz Antonio Pacheco Queiroz

Universidade Federal de Sergipe, Programa de
Pós-Graduação em Arqueologia
São Cristóvão - Sergipe

Willian Carboni Viana

Universidade do Porto, Departamento de
Geografia
Porto - Portugal

RESUMO: Trazemos uma reflexão sobre a materialidade, enquanto categoria que expressa e é manifestada na constituição fundamental dos seres humanos. Em nossa visão, as realizações da humanidade sempre foram intermediadas por coisas. Hoje, nos relacionamos cada vez mais por meio delas, devido à nossa capacidade de acumular conhecimento e convergir pensamentos e ações dentro de espaços artificiais. As coisas se misturam ao nosso coletivo por meio das mais variadas formas (no trabalho, em casa, num museu, etc.). Por esse entendimento traçamos nossa contrariedade sobre a inadequada ênfase de estudos que adotam a concepção evolucionista da cultura material, cujas proposições empregam matrizes ontológicas convencionais divergentes da perspectiva que associa a materialidade à vida social.

PALAVRAS-CHAVE: Materialidade; Vida Social; Coisas.

ABSTRACT: We bring here a reflection on materiality as a category that expresses and is manifested in the fundamental constitution of human beings. In our view the achievements of humanity have always been mediated by things. Today we relate more and more through them, because of our ability to accumulate knowledge and to converge thoughts and actions within artificial spaces. Things are mixed with our collective through the most varied forms (at work, at home, in a museum, etc.). By this understanding we draw our contrariness on the inadequate emphasis of studies that adopt the evolutionist conception of material culture, whose propositions employ conventional ontological matrices divergent from the perspective that associates materiality with social life.

KEYWORDS: Materiality; Social Life; Things.

1 | INTRODUÇÃO

Partimos de uma condição essencial de todos nós enquanto humanos: somos criados pelas coisas! Elas nos dão identidade social. Com atenção a algo tão substancial das sociedades, pretendemos refletir sobre a maneira em que materiais e ideias são tratados nas disciplinas que se debruçam em seus estudos sociais.

O mundo material existe, constitui uma

fundação essencial e duradoura para nossa existência. Coisas, objetos, ou mesmo paisagens, possuem qualidades reais que afetam tanto a forma da nossa percepção deles, quanto a nossa coabitação com eles (LIMA, 2011, p. 20).

Tradicionalmente, todos os dias, uma conjuntura de coisas criadas por humanos, a partir de matérias-primas e aplicação de técnicas/ tecnologia, é considerada cultura material. Em grande parte dos estudos, dessa concepção, há aplicação de matrizes ontológicas convencionais (OLSEN, 2003).

Aqui, escolhemos tratar categoricamente a cultura material como materialidade, devido à ampla consideração relacional dessa noção no âmbito da vida social das pessoas e coisas, e por encabeçar direções favoráveis da mente e matéria como organismo único, inseparável (KNAPPETT, 2014, p. 4701 e 4702). Objetos ou coisas, não são realidades passivas, tampouco apenas espelham condutas e ações. Pelo contrário, constituem-se como entidades ativas que induzem comportamentos e explanam sentidos (LIMA, 2011, p. 12).

Ao afirmar que algo é seu, de vocês, nosso ou daquele grupo social, perpetuamos o pertencimento da materialidade às pessoas, e situamos a formação dos sujeitos sociais a cada bem por eles apropriado, seja ele um simples objeto, roupa, lugar, veículo ou propriedade.

Dessa forma, a natural relação que realizamos com os materiais, deve ser admitida como parte da trajetória humana no mundo, porém reconhecida como parcela da imaterialidade que é imposta como significado das matérias. A transgressão que devemos buscar, da relação das pessoas com as coisas, é um passo importante para obtermos uma adequada compreensão da materialidade, em vias de situar sua contribuição e co-dependência na constituição da espécie humana.

Partilhamos da materialidade, comum, que nos é exposta pelo (s) ambiente (s) em nossa volta. A materialidade, da qual falamos aqui, é concebida para além do material físico, artefato e objeto, manufaturado ou industrializado, a que são atribuídos valores diversos.

2 | NÃO À ARTIFICIALIDADE DA CULTURA MATERIAL E SIM À VIDA SOCIAL DAS COISAS

O que é exterior, e está ao alcance das pessoas, é passível de identificá-las. Vejamos isso nas adequadas palavras de Daniel Miller (2010, p. 214): “Se observarmos como os inhames fazem as pessoas, então poderemos ver como as bonecas Barbie fazem as pessoas”. E se não detemos a posse individual, devido a compartilhar com outras pessoas, ainda assim somos algo porque nos relacionamos com tal coisa.

Esse é assunto de pesquisas das disciplinas que se dedicam aos estudos da cultura material, e cada uma delas com distintas aproximações com a materialidade. As ciências sociais negligenciaram por um longo tempo o estudo da materialidade,

apesar da permanente proximidade com seus significados, dada a intimidade do campo de pesquisa antropológico com saberes e fazeres.

Na opinião de Michael Schiffer (1999, p. 6) há um grave problema quando o tratamento da interação entre pessoas e artefatos é visto como processo secundário da cultura, nas palavras dele, “considerados como mais uma arena, em que pessoas negociam significados culturalmente construídos”.

Até podemos partilhar parte das ideias de Schiffer, quando ele se refere ao problema do nível de intermediação cultural. No entanto, devemos, além de ressaltar, com esse pesquisador, uma contrariedade vinda de uma visão artificial da cultura, também considerar que preferimos a naturalidade da mediação das pessoas com as coisas, para enfatizar a opção do caráter relacional, dinâmico e fluído da materialidade na nossa formação cultural.

Dizer que a sociedade é construída se tornou comum. Entretanto, há ainda muito a ser analisado. Por exemplo, no que se refere às construções materiais, como Bjørnar Olsen, citando Bruno Latour, evidencia:

However, few have devoted time to analyse the building materials - the concrete and steel, rebar and pillars - involved in its construction; the brigades of non-human actors that constrain, direct and help our day-to-day activities; the material agents that constitute the very condition of possibility for those features we associate with social order, such as asymmetry, durability, power and hierarchy (LATOURE, 1999, p. 197, apud OLSEN, 2003, p. 88).

Miller (2013, p. 117) situa isso como um problema do contexto social e histórico em que estava envolvida a antropologia dominante, baseado na crença comum de que se estudássemos a fundo as coisas, estaríamos aptos a ser tão materialistas a ponto de desconsiderar o papel da sociedade.

Esse mesmo autor já havia caracterizado tal desprezo dos antropólogos devido à capacidade de atuação silenciosa da materialidade na formação ideológica, no campo das relações de poder e na prática diária de vida (MILLER, 2005, p. 5).

Na opinião de Dan Hicks (2010, p. 49 e 50) é exatamente esse o motivo que os pesquisadores devem ter como referencial salutar para se debruçar no estudo das coisas, porque exige um adequado caminho de pesquisa que agrega noções dos eventos e efeitos, bem como quebra a distinção entre sujeito e objeto de estudo.

A negligência tornou-se menor com o estabelecimento dos “*estudos da cultura material*” (HICKS; BEAUDRY, 2010, p. 5) que proporcionou amplo campo de reflexões a partir de recursos da teoria da prática, tanto em Pierre Bourdieu quanto em Antony Giddens.

Com Marcel Mauss (2003, p. 187-189), já seria possível dar maior ênfase ao estudo da materialidade, pois com ele aprendemos sobre o domínio dos objetos na formação das relações sociais.

E se considerarmos a importância de olhar para o passado, veremos que a arqueologia cumpriu o papel de dedicar-se à pesquisa da materialidade em toda a sua trajetória enquanto disciplina.

Para aproveitarmos a deixa das “viradas ontológicas” na arqueologia (KRISTIANSEN, 2017, p. 120 e 121) encontramos um caminho humanista, influenciado por perspectivas contrárias às amarras deterministas/ cartesianas (SHANKS; TILLEY, 1992, p. 12, 96 e 103-115), que consolidou amplo campo para o desenvolvimento de reflexões com ênfase na autonomia de fatores sociais, para manipular condições materiais e ambientais.

Tendências fundamentais, para um desejado estabelecimento subjetivo de estudos da materialidade, surgiram com o pensamento de Bourdieu (1983), que “*showed how the same ability of objects to implicitly condition human actors becomes the primary means by which people are socialised as social beings*” (MILLER, 2005, p. 6).

As coisas informam valores e ideias que estabelecem restrições ou dão permissão para o desenvolvimento da prática. Não atuam apenas de forma escancarada, pois também são mediadas com bastante discrição e/ ou em sua existência como intocáveis ou distantes de serem possuídas, mas sempre em relacionamentos com as pessoas. Um claro exemplo é o distanciamento das condições básicas de uma vida digna dos milhões de despossuídos devido à sua parca condição financeira e, por outro lado, o permanente conforto material dos poucos representantes das oligarquias mundiais.

É essa a chamada dependência das pessoas às coisas, e vice-versa, influentes no pensamento dos defensores de abordagens humanistas, principalmente entre aqueles afeitos ao pensamento social que busca discutir o assunto a partir de como, por quê, quando e onde se vive (HODDER, 2012, p. 27-39).

Por outro lado, ainda pairam perturbações de postulados co-deterministas de adeptos da ecologia de James Gibson, ao discutir sobre realizações das pessoas com a cultura material, focados nos fatores fisiológicos das ideias. Dentre eles, o antropólogo Timothy Ingold (2012, p. 26 e 27) é grande entusiasta, apesar de sua contrariedade com a divisão metafísica entre sujeito e objeto, relativa à redução das coisas a objetos, a implicar numa invisibilidade dos processos de reprodução do mundo material.

Adotamos a ênfase da sociabilidade das coisas, muito por admitir que o estudo dos fluxos dos materiais possibilite um encaminhamento adequado da discussão da diversidade de ideias e ações, sobretudo quando, como, para quê e onde elas são disseminadas. Dessa forma, insistimos que para pensar, com base nas características dialéticas e relacionais da materialidade, é interessante manter a atenção na socialização de todos, pessoas e coisas (DELEUZE; GUATARI, 2004, p. 9-26).

A concentração, em fatores biológicos, nos levaria a interpretações de causas sociais somente externas aos sujeitos sociais, e por isso impediria cruciais oportunidades de discussões das condições materiais de vida, nos contextos pesquisados.

Ao provocar dessa forma uma reflexão sobre a materialidade, defendemos que essa condição ontológica não tem apenas como fardo os sentidos vinculados às relações sociais. Não queremos entrar na seara de Latour (1994, p. 11-13), para considerar a discussão avivada pela razão de ser ontem ou hoje, menos ou mais do

que, modernos.

As realizações da humanidade sempre foram intermediadas pelas coisas. E hoje nos relacionamos cada vez mais por meio delas, devido à nossa capacidade de acumular conhecimento e convergir nossos pensamentos e ações, ainda de forma saudável, a um distanciamento contraditório e crescentemente incompreensível do meio ambiente.

Incorporamos o pensamento de Miller (2007, p. 34-40), que compreende plenamente a grande abrangência da necessidade de consumo da humanidade, algo que está além da apropriação de forma tão inventiva do mundo material. O consumo material relevante, aqui em discussão, é o básico para viver de forma digna, que dá condições de ter água, alimentar-se, ter onde habitar, se comunicar, fruir de lazer, etc.

Na contramão desse posicionamento está uma moralidade, capitaneada pela propaganda ideológica das elites, a buscar para si as riquezas naturais, ao tentar tirar de cena as parcelas da sociedade que vivem do extrativismo. Uma estratégia de dominação bem organizada para manter o controle da ocupação em cidades e da circulação do capital. Mas, considerar que há uma direção da vida social contrária ao meio natural de vida é tão absurdo, que levaria à invenção de uma realidade artificial ainda inexistente para a humanidade.

No lugar que estamos, mesmo ao fecharmos os olhos, conseguimos sentir os objetos em nossa volta. Sabemos onde está a janela ou a porta, a mesa e a cadeira, os objetos sobre a mesa, e até podemos ouvir os sons vindos de fora (VIANA; QUEIROZ; COSTA, 2016, p. 31). É através de formas de pensar e agir como essa que intermediamos nossa identidade, por meio de nosso entrelaçamento com a materialidade. Ainda poderíamos explorar o caráter da diversidade realista nas sociedades que a noção de materialidade carrega (KNAPPETT, 2007, p. 22).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A materialidade é, enfim, parte intrínseca aos planejamentos, necessidades, formas de aquisição de bens de consumo, e meios de interação material com o mundo externo ao corpo humano.

Tal como outros elementos materiais do mundo, casas e ruas, como é lógico, não existem desde sempre. Embora que para muitos, tais componentes, são como estivessem sempre ali.

Assim, consideramos o momento da modificação dos materiais em fluxos no cerne da cultura (SHANKS; TILLEY, 1992, p. 130 e 131), que enquanto pensados por seus idiossincráticos vínculos com as pessoas, e outros materiais, são elementos ativamente em vias de comunicar e criar a sociedade que os fazem existir também.

Cada vez mais são atribuídas tarefas a atores não humanos, e cada vez mais ações são mediadas por coisas. Muitos *não-humanos* se misturam a nosso coletivo,

por meio das mais variadas formas. Poucas vezes são atribuídos a eles papéis na história (Olsen, 2003).

Ao decurso da história é inerente as condições materiais que restringem, influenciam e oportunizam a socialização de todos. Enfatizamos que desde as mais antigas reminiscências da sociabilidade já conhecidas à pós-modernidade, está intrínseca a atuação concomitante da materialidade. Compreendemos que discutir sobre a humanidade exige divergir da artificialidade da cultura material, e aceitar o profundo entrelaçamento com a vida social das coisas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Organização de Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.

DELEUZE, Giles; GUATARI, Felix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

HICKS, Dan. **The material - cultural turn: event and effect**. In: _____; Beaudry, Mary C. (Ed.) *The Oxford Handbook of Material Culture Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 25-98.

_____.; Beaudry, Mary C. **Introduction. Material culture studies: a reactionary view**. In: _____. (Ed.) *The Oxford Handbook of Material Culture Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 1-21.

HODDER, Ian. **Entangled: an archaeology of the relations between humans and things**. UK: Wiley-Blackwell, 2012.

INGOLD, Timothy. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan/jun. 2012.

KNAPPETT, Carl. **Materiality in archaeological theory**. In: Smith, Claire (Ed.). *Encyclopedia of Global Archaeology*. New York: Springer, 2014, p. 4700-4708.

_____. **Materials with materiality?** In: *Archaeological Dialogues*, v. 14, n. 1, p.20-23, 2007.

KRISTIANSEN, Kristian. **The Nature of Archaeological Knowledge and Its Ontological Turns**. In: *Norwegian Archaeological Review*, v. 50, n. 2, p. 120-123, sept. 2017.

LATOUR, Bruno. **Nunca Fomos Modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan/ abr. 2011.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material**. In: *Horizontes Antropológicos*, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez, 2007.

_____. **Materiality: an introduction**. In: _____. (Ed.). *Materiality*. Durham and London: Duke University Press, 2005, p. 1-50.

_____. **Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

OLSEN, Bjørnar. **Material culture after text: re-membering things.** In: Norwegian Archaeological Review, v. 36, n. 2, p. 87-104, 2003.

VIANA, Willian Carboni; QUEIROZ, Luiz Antonio Pacheco; COSTA, Maria Clara Rocha. **Formação ideacional da paisagem e as contribuições da geografia e da arqueologia.** Revista Sodebras, v. 11, n. 126, p. 31-36, 2016.

SHANKS, Michael; TILLEY, Cristhopher. **Re-Constructing Archaeology: theory and practice.** 2 ed. London/ New York: Routledge, 1992.

SCHIFFER, Michael Brien. **The Material Life of Human Beings: artifacts, behavior and communication.** London/ New York: Routledge, 1999.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-098-8

